

# CENTRO DE COORDENA- ÇÃO E CONTROLO DE TRÁFEGO MARÍTIMO DO PORTO DE LISBOA 1997-2001, Lisboa – Portugal

**Cliente** APL – Autoridade do Porto de Lisboa

**Especialidades** A2P Consult (fundações e estruturas), Galvão Teles (instalações mecânicas), Joule (rede eléctrica), Grade Ribeiro (águas e esgotos), CONSULMAR, Projectistas e Consultores (fiscalização)

**Empreiteiro** ENSUL, Empreendimentos Norte Sul, S. A.

**Fotografia** Daniel Malhão

O Centro de Coordenação e Controlo de Tráfego Marítimo do Porto de Lisboa, pela função que desempenha e pela posição geográfica que ocupa, assume uma presença de excepção na relação da cidade de Lisboa com o rio. Destinado a controlar o tráfego de uma vasta área marítima e fluvial, a nova estrutura arquitectónica procura o seu significado simbólico, à semelhança de outras construções que, ao longo da história, se foram construindo na frente ribeirinha.

À entrada do porto, a torre do centro de coordenação e controlo de tráfego marítimo marca o início de um diálogo, já longo, entre vários marcos históricos da frente ribeirinha: a Torre de Belém, símbolo da época áurea dos Descobrimentos Portugueses; o Monumento Padrão dos Descobrimentos, construído durante o Estado Novo (como homenagem ao período dos Descobrimentos Portugueses); a cidade de portas abertas na Praça do Comércio, criada durante a época do Marquês de Pombal e D. José, após o terramoto de 1755; e, por último, o parque Expo 98, com a presença do Oceanário e da nova “piazza”, que interioriza o rio no Pavilhão de Portugal, da autoria de Álvaro Siza. Todos estes edifícios traduzem, na sua forma arquitectónica, os valores representativos do período histórico em que foram concebidos e construídos, associados à função e ao desempenho que deles se espera. Da conotação do “poder” às suas derivações militares e estratégicas, a vertical dominante da torre sugere controlo. Por sua vez, a linha do horizonte, a frente marginal e o molhe do porto, na sua aproximação panorâmica, constituem referências conceptuais e materiais de horizontalidade. O plano de água expressa, ainda, a fluidez, contendo, para além do seu próprio movimento, o movimento do tráfego que “desliza” na sua superfície, adquirindo uma valência dinâmica que se confronta com a estaticidade da terra e da torre. Estas duas ideias, a de horizontalidade e a de movimento, encontram-se na imagem do edifício a deslizar no seu suporte (o molhe), uma sugestão de quase suspensão dinamizada pela ascensão oblíqua do volume, imprimindo a tensão de um (aparente) desequilíbrio. A torre de controlo pretende assinalar os valores do tempo presente, desde logo o sentido real e visível de uma época de transição e de intensas transformações, que retira peso e certeza dogmática a muitos dos conceitos dados como adquiridos e inquestionáveis. E o que alguns têm apelidado de “insustentável leveza” do tempo presente traduz-se num edifício que não se limita às referências de farol, torre de observação, ou outros arquétipos reconhecíveis, mas que, cada vez mais, recorre à função mediadora da electrónica, da informática e da realidade virtual, etérea e imaterial.

Seguindo a ordem clássica da arquitectura, a torre contém um embasamento em pedra, um corpo revestido a cobre e um capitel de “luz” e vidro transparente, iluminado à noite como um farol, que se dissolve no ar, emitindo ondas de rádio e radar, de “VHF” e “GPS”, 24 horas por dia.

